

POR UMA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NA TRADUÇÃO À LUZ DA LEITURA E DA TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS: UM OLHAR SEMÂNTICO LINGUÍSTICO

ALESSANDRA DA SILVEIRA BEZ (PUCRS).

Resumo

O presente trabalho propõe um estudo sobre a tradução a partir da polifonia, da Teoria dos Blocos Semânticos, construída pelos linguistas franceses Oswald Ducrot e Marion Carel. Sabe-se que para a compreensão de um texto em língua estrangeira, o tradutor precisa antes de realizar o seu ofício, ser um leitor perspicaz e atento. Após, o tradutor torna-se um autor que, irá recuperar o sentido do texto e destiná-lo ao público alvo. Para compor esse estudo, buscaram-se o texto fonte, em língua francesa, e as clássicas traduções, em língua portuguesa, de obras do próprio Ducrot. Algumas de suas obras clássicas são *Les mots du discours* (As palavras do discurso), *Le dire et le dit* (O dizer e o dito). Com uma breve análise dos enunciados, procura-se mostrar que o sentido de um texto está inscrito no linguístico, mas alguns tradutores não conseguem recuperá-lo, reproduzindo sentidos literais impróprios, ou seja, sentidos pré-existentes ao uso e fechados que uma palavra tem sem considerar o contexto linguístico. O resultado da não verificação do caráter polifônico, ou seja, da superposição de vários discursos, é a mudança e o desvio de sentido. O tradutor, assim como o linguista, é um estudioso do texto e da língua. Cabe a ele compreender como esse texto e essa língua conjuntamente formam sentido para obter uma tradução adequada.

Palavras-chave:

leitura, tradução, polifonia.

0. Introdução

O presente artigo tem como objetivo fazer um estudo da tradução sob a perspectiva da polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel. Pensa-se que este trabalho colaborará com o tradutor, porque o ajudará a entender que o sentido de um texto somente pode ser construído no linguístico, e que várias vozes o permeiam. Com isso, ele conseguirá recuperar o sentido. Além disso, também poderá colaborar com o linguista que estuda a Teoria da Argumentação na Língua, pois a polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos pode ser aplicada a qualquer tipo de texto científico.

Sabe-se que alguns teóricos da tradução e a comunidade leiga pensam que a tradução é um ato de transferência e equivalência de sentido de uma língua para outra, gerando, assim, a unicidade e o sentido literal do texto. A tradução, ao ser percebida dessa forma, pressupõe que a língua apresenta transparência e que o sentido é (ilusoriamente) capturado pelo tradutor. Assim, ele torna-se isento do papel de leitor e também de autor, sendo apenas um reproduzidor do "verdadeiro" autor.

Percebe-se, portanto, que a tradução encontra obstáculos linguísticos e culturais e cabe ao tradutor contorná-los adequadamente. Essas barreiras existem porque as línguas, quando postas em uso, implicam aquele que diz e aquele a quem o locutor se dirige. Dessa forma, a reprodução fiel do texto-fonte no texto traduzido é uma idealização que não pode ser alcançada, pois a língua não possui caráter unívoco, mas polifônico, sendo "o sentido do enunciado o resultado das diferentes vozes que ali aparecem." (Ducrot, 1988, p.16).

Este trabalho recorre à Teoria de Argumentação na Língua (TAL), especificamente a polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos e tem como objetivo fazer uma discussão sobre como ocorre a polifonia e como o enunciado forma sentido relacionando-o aos aspectos. Ducrot defende que argumentar é produzir sentido, por isso as palavras orientam para determinada direção, possuindo um valor argumentativo. Essa argumentação tem um eu (eu - leitor; eu - tradutor) falando para um tu (tu - leitor), gerando um ponto de vista. Com essa perspectiva semântica linguística, pergunta-se: Como a polifonia pela TBS é percebida (ou não) pelo tradutor e como essa (falta de) percepção afeta o sentido?

1. Perspectiva teórica

1.1 O sentido construído na tradução sob uma perspectiva brasileira

Rosemary Arrojo é uma das teóricas da tradução mais conhecidas no Brasil por desconstruir a ideia de que traduzir é transferir ou substituir, premissa defendida ferozmente por teóricos europeus como Eugene Nida e J.C. Catford. Percebe-se, então, que, ao conceber a ideia de que o processo de tradução é um transporte de sentidos entre a língua A e a língua B, tem-se a ilusão do texto original ser marcado pela estabilidade de sentido, cujo conteúdo pode ser classificado completa e objetivamente. Essa perspectiva é defendida por muitos tradutores e tem três princípios básicos: a tradução deve reproduzir em sua totalidade a ideia do texto original; o estilo da tradução deve ser o mesmo do original; e a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original.

Arrojo contesta esse posicionamento ao analisar o texto de Borges *Pierre Menard, autor do Quixote*. O escritor argentino afirma que cada palavra tem um significado fixo e único, independentemente de qualquer contexto. Borges argumenta que Menard buscava a totalidade, a interpretação total, o controle total sobre o texto. Vê-se, portanto, que Catford, J.C. Nida e Menard possuem uma maneira semelhante de traduzir porque defendem uma teoria da linguagem que possibilita a delimitação do significado de uma palavra, ou mesmo de um texto, fora do contexto em que é lida ou ouvida. Arrojo critica esse posicionamento frente ao texto, pois traduzir é realizar uma leitura do texto fonte e após buscar o sentido na língua alvo. Com isso, anula-se a ideia de transparência e estabilidade, porque o próprio sentido do original não é fixo ou estável e depende do contexto em que ocorre.

Com essa breve reflexão, sabe-se que o tradutor não busca um produto final, pois está imerso em um processo de leitura, e a partir dele é capaz de construir sentidos para tornar-se, enfim, tradutor. A tradução envolve o domínio da língua alvo e da língua fonte assim como a aprendizagem de como se lê um texto. Aprender a ler é aprender a produzir sentidos, construídos a partir do sistema linguístico, que sejam aceitáveis para a comunidade cultural da qual participa o leitor. Tem-se, aí, a grande responsabilidade do tradutor perante o texto que traduz e perante o público para quem traduz, pois cada tradução exige do tradutor a capacidade de confrontar dois sistemas linguísticos e duas culturas distintas, e esse confronto, é sempre único, irrepetível, já que suas variáveis são imprevisíveis e seus sentidos diversos. Por isso, percebe-se a importância da TAL na tradução, pois essa teoria busca o sentido no uso da língua e vê no enunciado diversas vozes, que apresentam diferentes pontos de vista.

1.2 Construções de sentido na perspectiva da semântica linguística: polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria da Argumentação da Língua (TAL), de Oswald Ducrot, tem três momentos: em um primeiro momento, tem-se a Teoria Standard, em um segundo momento, a Teoria da Polifonia e a Teoria dos *Topoi* e em um terceiro momento a Teoria dos Blocos Semânticos. Essa metodologia consegue explicar como o sentido é construído na língua e como a língua argumenta. A polifonia está presente nessas três fases, por isso é fundamental explicá-la. Esse conceito surgiu primeiramente no livro *Les mots du discours* (1980), após no livro *Le dire et le dit* (1984), no capítulo *Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation*, em seguida no livro *Polifonía y Argumentación* (1990) e recentemente em um artigo sobre a polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos intitulado *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation* (2008). Percebe-se, portanto, que a polifonia é um dos conceitos fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua. No artigo *A pragmática e o estudo semântico da língua* (2005, p.17), Ducrot afirma que a teoria da polifonia substitui a análise semântica "horizontal", típica da teoria do *modus* ou dos "atos de linguagem" por uma análise vertical em que o sentido de um enunciado é constituído pela superposição de vários discursos elementares. A partir daí, desmistifica-se a ideia de unicidade do sujeito falante e também a ideia de que cada enunciado possui um e somente um autor. O sentido, dessa forma, é construído a partir de indicações argumentativas que o enunciado apresenta na enunciação.

1.2.1 Polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos: a busca pelo sentido no sistema linguístico

O artigo *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation* (2008), de Oswald Ducrot e Marion Carel mostra claramente a fase atual da teoria semântico-argumentativa, ou seja, a polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos. Tem-se a distinção entre as atitudes do locutor frente aos enunciadores e o modo como o locutor assimila os enunciadores à determinada personagem do discurso. Sabe-se que é pelo enunciado que o locutor expõe os enunciadores (pontos de vista), assimila-os e toma três posições em relação a eles: o assumir, a concordância e a oposição. Ducrot e Carel (2008) defendem ainda a noção de instrução da significação, em que a frase coloca limites para a construção das assimilações e das atitudes em um enunciado.

Conforme os linguistas franceses, o locutor apresenta dois tipos de relação com os enunciadores, que são as origens dos pontos de vista. A primeira relação é a de assimilação com um ser determinado quando se diz "eu me sinto cansado", em que o indivíduo dá a si mesmo como origem do ponto de vista, segundo o qual se está cansado. A segunda relação, que já foi dita anteriormente, é o posicionamento do locutor no que diz respeito aos enunciadores, as atitudes diante deles: o assumir, a concordância e a negação. Ao assumir um enunciador, impõe-se o ponto de vista desse enunciador. No enunciado *Eu me sinto cansado* tem-se a ideia de que se está cansado e também se tem o objetivo de dar conhecimento ao interlocutor do cansaço que esse eu sente. Na concordância, o enunciador como fonte de um pressuposto, proíbe a contestação do ponto de vista desse enunciador. A oposição de um ponto de vista é a descrição de uma enunciação como proibindo, no discurso ulterior, o assumir ou a concordância a esse enunciador.

Para explicar a Teoria dos Blocos Semânticos, Ducrot (2008) nega que o significado é parte integrante do signo, pois ele não pode se basear nem em coisas nem em ideias. Dessa forma, o linguista francês enfatiza que o que ele considera em Saussure é o significado visto como "valor" do signo, em que o valor de uma entidade é um conjunto de relações entre entidades homogêneas, como um conjunto de relações entre signos. Para Ducrot e Carel (2008), as relações entre signos são chamados de "encadeamentos argumentativos" ou "argumentações". Assim, argumentação é uma sequência de dois enunciados relacionados por um

conector: um deles é o suporte e o outro, o aporte. Além disso, os encadeamentos são marcados por dois tipos de argumentações: as normativas ("João é gentil, portanto eu gosto dele") e as transgressivas ("Pedro é gentil, no entanto não gosto dele").

Outra questão importante para compreender essa teoria semântico-linguística é diferenciar as argumentações interna e externa. As argumentações externas dizem respeito aos encadeamentos aos quais a expressão é um segmento: se a expressão é aporte, tem-se a argumentação à esquerda ("João foi prevenido do perigo, portanto foi prudente"). Quando a expressão é suporte, têm-se argumentações externas à direita ("João foi prudente, portanto não teve acidente").

As argumentações externas são pares, sendo um elemento normativo e o outro transgressivo, enquanto que as argumentações internas de uma expressão são encadeamentos equivalentes dessa expressão, paráfrases ou reformulações. Tomando o exemplo clássico "João foi prudente", podem-se fazer encadeamentos em diferentes conjuntos, ou seja, aspectos, da palavra "prudente". Dessa forma, os encadeamentos normativos da palavra "prudente" têm como suporte a indicação de um perigo e como aporte a indicação de precauções e aspectos expressos, como *perigo DC desistir de fazer*. Há também o caso dos encadeamentos evocados, em que a argumentação interna de um enunciado é a mais exata paráfrase como "a situação não era sem perigo, então João tomou diversas precauções." Com essas noções de argumentação interna, argumentação externa, aspecto evocado e aspecto expresso, pode-se reagrupar os encadeamentos de *perigo DC precauções* em oito blocos, sendo dois blocos de quatro aspectos cada um.

O bloco 1 diz respeito aos aspectos *A PT NEG B; A DC B; NEG A PT B* e *A DC NEG B*. Assim, esses quatro aspectos formam quatro ângulos de um "quadrado argumentativo", composto pelas relações de "conversão, "reciprocidade" e "transposição".

No primeiro bloco, tem-se o suporte "perigo" visto como origem do aporte "desistir". Esses quatro aspectos correspondem a quatro adjetivos: o aspecto 1 corresponde a "imprudente", o aspecto 2 a "medroso", o aspecto 3 a "não medroso" e o aspecto 4 a "prudente". Percebe-se, então, que nesses encadeamentos, o suporte A, "perigo" é orientado para B (perigo que impede de agir) e que o B é fundamentado em A (desistência ligada ao perigo). Com esse suporte A e aporte B, define-se outros quatro aspectos: esse bloco 2 mostra uma interdependência inversa entre A e B, como viu-se

anteriormente (*A PT B; NEG A PT B; NEG A DC B; A DC NEG B*). Com isso, o aspecto 8, ao descrever as palavra "audacioso", o perigo é percebido como uma razão para agir, havendo um prolongamento do julgamento de perigo. Assim, há três possibilidades de relações entre os dois blocos: mudança de sentido, um dos blocos não tem sentido e um deles é doxal e o outro paradoxal.

2 Metodologia

Para mostrar a contribuição da teoria de Oswald Ducrot à reflexão da tradução, têm-se uma breve análise a partir de enunciados de várias obras de Oswald Ducrot: *Les mots du discours* (1980), especificamente o primeiro capítulo *Analyse de textes et linguistique de l'énonciation* e a tradução *Análise de textos e linguística da enunciação*, e os artigos *Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation* (1999) com a tradução *As propriedades lingüísticas do paradoxo: paradoxo e negação* e *Description argumentative et description*

polyphonique: le cas de la négation (2008), com a tradução *Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação*. O texto do autor foi escolhido para verificar se os tradutores conseguem recuperar o sentido adequadamente e mostrar que é possível aplicar a polifonia pela TBS no próprio estudo de Ducrot. Dessa forma, pergunta-se: O sentido construído foi compreendido pelo tradutor no momento em que era leitor e recuperado na língua alvo quando esse se torna um reescritor/tradutor? Aos poucos, através dos enunciados, essa questão será elucidada.

3 Análise

Para a realização da análise, mostram-se enunciados em língua francesa e sua respectiva tradução.

Enunciados 1 e 2

Autre avantage pour notre linguiste : il n'a pas eu à analyser des discours, réels ou imaginaires, mettant les phrases en oeuvre, les *énonçant* dans des conditions à chaque fois particulières. S'il a cru pouvoir se dispenser de ce recours au texte, c'est sans doute:

1. qu'il pense posséder ,en tant que francophone, une compétence pour interpréter des énoncés de phrases françaises;
2. qu'il croit cette **compétence** fondée sur une connaissance antérieure de la signification de ces phrases ;
3. qu'il espère pouvoir évoquer directement cette connaissance, la rappeler à la conscience, sans avoir à étudier l'utilisation que lui-même ou d'autres en font dans l'interprétation d'énoncés, donc de discours.

Outra vantagem para nosso linguista: ele não teve de analisar discursos reais ou imaginários, colocando as frases em andamento, enunciando-as em condições cada vez particulares. Se ele acreditou poder se dispensar deste recurso do texto, é sem dúvida:

1. que ele pensa possuir, enquanto francófono, uma competência para interpretar enunciados de frases francesas;
2. que ele acredita nessa **confiança** fundada sobre um conhecimento anterior da significação das frases;
3. que ele espera poder evocar diretamente este conhecimento, lembrá-lo à consciência, sem ter de estudar a utilização que ele mesmo ou outros fazem dele na interpretação de enunciados, então, discursos.

No enunciado francês, Ducrot critica aqueles linguistas que acreditam que para chegar à significação de um enunciado é necessária a intuição e não o seu uso. Por isso, aqueles que pensam que, para compreender um enunciado, é necessária somente uma competência que desconsidera a significação das frases, só conseguirão compreender o sentido literal. Percebemos que a partir da argumentação interna de competência (aplicação DC capacidade), podemos criar um encadeamento do segmento original contendo a ideia do enunciado: *alguém ser aplicado/ser capaz DC alguém ser capaz de interpretar frases na língua francesa; alguém ser aplicado/ser capaz DC alguém ser capaz de evocar um conhecimento anterior da significação das frases*. No entanto, notamos que na tradução a palavra *compétence*, ao ser traduzida por *confiança* no item 2 muda o sentido do enunciado devido a essa incompatibilidade lexical. E é a argumentação interna de *confiança* que permite essa percepção linguística: *segurança DC neg descrédito*. Temos na tradução os seguintes encadeamentos: *alguém ser aplicado/ser capaz DC alguém*

ser capaz de interpretar frases na língua francesa; alguém ser seguro DC alguém que acredita no conhecimento anterior da significação das frases. Percebemos, assim que, tanto a AI de *competência* como de *confiança* levam a sentidos distintos. Notamos, porém, que o tradutor não usou o sentido literal, muitas vezes comum no que diz respeito à tradução. Pensamos, então, na possibilidade de uma interpretação em que, provavelmente, o tradutor não buscou no linguístico um recurso para melhor traduzir, mas em uma ideia que ele julgou ser a mais adequada. Para nós, a tradução que o linguístico permite é: ... *que ele acredita nessa **competência** fundada sobre um conhecimento anterior da significação das frases.*

Enunciados 3 e 4

Nous nous proposons maintenant d'expliquer un autre phénomène qui, comme le précédent, nous semble difficile à comprendre si on ne distingue pas, du point de vue de la négation, les enchaînements paradoxaux des enchaînements doxaux. Soit les deux discours:

- (a) Il y avait du danger donc Paul, qui est prudent, a **bien sûr** pris des précautions

(b) Il y avait du danger donc Paul, qui est casse-cou, l'a **bien sûr** fait (p.35)

Nós nos propomos agora a explicar um outro fenômeno que, como o precedente, nos parece difícil de compreender se não se distinguem, do ponto de vista da negação, os encadeamentos paradoxais dos encadeamentos doxais. Sejam os dois discursos:

- (a) Havia perigo, então Paul, que é prudente, **com certeza**, tomou precauções.

- (b) Havia perigo; então Paul, que é destemido, **com certeza** o fez. (p.43)

Nesse exemplo clássico da obra de Oswald Ducrot, temos primeiramente que verificar a argumentação interna ao enunciado: *Havia perigo DC Paulo tomou precauções* e é esse o sentido proposto em *Il y avait du danger donc Paul, qui est prudent, a **bien sûr** pris des précautions.* Porém, na tradução percebemos novamente a diversidade de sentidos: *Havia perigo, então Paul, que é prudente, **com certeza**, tomou precauções.* Com esse enunciado, podemos elaborar dois encadeamentos: *Havia perigo DC Paul tomou precauções (A DC B)* e *Havia perigo PT Paul neg tomou precauções (A PT NEG B)*. Enquanto que o enunciado em francês mostra o cuidado de Paul diante do perigo, o enunciado em português possibilita duas leituras: uma em que Paul tem cuidado diante do perigo e outra que ele não tem cuidado diante do perigo. E isso só é possível devido à tradução indevida do conector *bien sûr*. Reorganizando esses enunciados, temos:

Sentido no texto original: *havia perigo DC Paulo tomou precauções (A DC B)*

Sentido no texto traduzido: *Havia perigo DC Paul tomou precauções (A DC B)* e *Havia perigo PT Paul neg tomou precauções (A PT NEG B)*. A partir daí, denotamos

que o enunciado proposto por Ducrot corresponde ao bloco semântico 1 (*A DC B*) e esse tem um sentido específico como visto anteriormente. A tradução também fornece o sentido do enunciado em relação ao bloco 1, mas evidencia um aspecto converso (*A PT NEG B*) não existente no original e isso, novamente, não pode acontecer. Se o enunciado do autor não apresenta uma diversidade de sentidos, o texto da tradução não pode fazê-lo. Para nós, uma tradução adequada e que remeteria ao sentido do original seria: *Havia perigo, então Paul, que é prudente, é claro, tomou precauções*. Temos aí uma evidência e não algo duvidoso como supunha o tradutor.

Enunciados 5 e 6

...Ainsi, dans la notation la puls habituelle du Calcul propositionnel, on trouve toujours , immédiatement à droite d'un connecteur comme *et*, une et une seule **suite** de symboles qui constitue une proposition, et de même à gauche : ce sont ces deux **suites**, mécaniquement **repérables**, qui sont conjointes par le *et*. (p.15)

... Assim, na notação mais habitual do Cálculo proposicional, sempre se encontra, imediatamente à direita de um conector como *e*, uma e uma única **continuação** de símbolos que constitui a proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas **continuações**, mecanicamente **orientáveis**, que são colocadas juntas pelo *e*. (p.9)

Notamos, nesses exemplos, dois problemas que dizem respeito à tradução: *suite*, traduzido como *continuação* e *repérables* traduzido como *orientáveis*. No original, Ducrot (1980) usa a palavra *suite* para referir-se ao enunciado formado por dois segmentos. Por isso, nessa teoria, não é possível afirmar que um enunciado é construído por duas continuações unidas pelo conector *e*. Parece-nos que essas continuações são independentes, capazes de construir sentido, como visto pela argumentação interna: *continuação DC coisas ininterruptas, sem conexão*. Para nós, uma tradução mais adequada seria *sequência*, em que a sua argumentação interna seria: *sequência DC dois segmentos unido pelo conector e*. Se recorrermos ao dicionário veremos que tanto *sequência* como *continuação* possuem definições semelhantes. No Dicionário Aurélio (2008) verificamos que *sequência* é 1. ato ou efeito de seguir; 2. aquilo que vem em seguida; continuação de algo iniciado anteriormente. 3. conjunto de coisas, ações ou fatos que se sucedem sem interrupção, um após outro no espaço ou no tempo; sucessão série e *continuação* é 1. prosseguir ou prolongar sem interrupção. 2. dar seguimento a. 3. seguir-se a .Vendo essas duas palavras no contexto do dicionário, ou seja, descontextualizadas, não levando em consideração o sentido no uso, poderíamos até afirmar que elas são sinônimos. No entanto, estamos trabalhando com uma semântica argumentativa que considera a língua em uso e o sentido construído nela. Dessa forma, temos *uma e uma única **sequência** de símbolos que constitui a proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas **sequências** (...) que são colocadas juntas pelo e*.

Para analisarmos a tradução de *repérables* (*orientáveis*), acreditamos que é necessário usar a argumentação interna: *não saber a direção, o rumo de algo DC indicar/ guiar/ mostrar a direção, o rumo (Neg A DC B)*. Todavia, notamos no original em francês que não é essa ideia proposta por Ducrot (1980). Ele afirma que duas sequências, quando relacionadas pelo conector *e*, são capazes de formar sentido. Essas sequências não precisam ser orientadas, como propõe o tradutor, elas precisam ser *resgatadas* para que o conector as relacione e forme o sentido dentro do linguístico. Ao propormos a tradução de **repérables** como **resgatáveis**, temos a seguinte argumentação interna: *não obter relação DC retomar/ recuperar essa relação (Neg A DC B)*. Percebemos que as duas argumentações internas

remetem a um mesmo encadeamento do bloco semântico 2 (*Neg A DC B*), mas isso não significa que elas possuem o mesmo sentido. Referindo-se ao enunciado, temos: ... *Assim, na notação mais habitual do Cálculo proposicional, sempre se encontra, imediatamente à direita de um conector como e, uma e uma única **sequência** de símbolos que constitui a proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas **sequências**, mecanicamente **resgatáveis**, que são colocadas juntas pelo e.* Parafrazeando, temos o seguinte sentido: duas sequências ao serem relacionadas pelo conector *e* recuperam o sentido do enunciado; isoladas, elas são somente um sentido literal, pré-existente ao uso.

4 Resultados e perspectivas

Neste artigo, procurou-se buscar alguns conceitos da Teoria da Argumentação na Língua a fim de ajudar o tradutor a trabalhar com seus textos. Viu-se que a argumentação interna e a argumentação externa assim como a Polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos, conjuntamente com os aspectos recíprocos, conversos e transpostos são essenciais para a construção de sentido.

Acredita-se que a tradução pensada sob uma perspectiva semântica argumentativa colabora com o tradutor, pois ao ler e reconstruir um enunciado, ele é capaz de recuperar o sentido no linguístico, não modificando, dessa forma, a proposta escrita pelo autor. Percebe-se, então, que esse escultor da língua não precisa recorrer à literalidade para revelar uma entidade linguística desconhecida, pois ele possui a língua em uso para guiá-lo.

5 Referências

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa. Una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos*: Edição literaria a cargo de Maria Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. *Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation*. In : *Langue Française. Sémantique du stéréotype*. Larousse: Septembre 1999.

_____. *As propriedades lingüísticas do paradoxo: paradoxo e negação*. In: *Línguas e Instrumentos lingüísticos*. Tradução: Sheila Elias de Oliveira. Pontes: Julho/dezembro 2001. n° 8.

DUCROT, Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Les éditions de Minut, 1984.

_____. *Les mots du discours*. Minuit: Paris, 1980.

_____. *Les mots du discours*. Minuit: Paris, 1980. Tradução: Ernani César de Freitas. *Capítulo I: Análise de textos e lingüística da enunciação*.

0. Introdução

O presente artigo tem como objetivo fazer um estudo da tradução sob a perspectiva da polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel. Pensa-se que este trabalho colaborará com o tradutor, porque o ajudará a entender que o sentido de um texto somente pode ser construído no linguístico, e que várias vozes o permeiam. Com isso, ele conseguirá recuperar o sentido. Além disso, também poderá colaborar com o linguista que estuda a Teoria da Argumentação na Língua, pois a polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos pode ser aplicada a qualquer tipo de texto científico.

Sabe-se que alguns teóricos da tradução e a comunidade leiga pensam que a tradução é um ato de transferência e equivalência de sentido de uma língua para outra, gerando, assim, a unicidade e o sentido literal do texto. A tradução, ao ser percebida dessa forma, pressupõe que a língua apresenta transparência e que o sentido é (ilusoriamente) capturado pelo tradutor. Assim, ele torna-se isento do papel de leitor e também de autor, sendo apenas um reproduzidor do “verdadeiro” autor.

Percebe-se, portanto, que a tradução encontra obstáculos linguísticos e culturais e cabe ao tradutor contorná-los adequadamente. Essas barreiras existem porque as línguas, quando postas em uso, implicam aquele que diz e aquele a quem o locutor se dirige. Dessa forma, a reprodução fiel do texto-fonte no texto traduzido é uma idealização que não pode ser alcançada, pois a língua não possui caráter unívoco, mas polifônico, sendo “o sentido do enunciado o resultado das diferentes vozes que ali aparecem.” (Ducrot, 1988, p.16).

Este trabalho recorre à Teoria de Argumentação na Língua (TAL), especificamente a polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos e tem como objetivo fazer uma discussão sobre como ocorre a polifonia e como o enunciado forma sentido relacionando-o aos aspectos. Ducrot defende que argumentar é produzir sentido, por isso as palavras orientam para determinada direção, possuindo um valor argumentativo. Essa argumentação tem um eu (eu - leitor; eu - tradutor) falando para um tu (tu - leitor), gerando um ponto de vista. Com essa perspectiva semântica linguística, pergunta-se: Como a polifonia pela TBS é percebida (ou não) pelo tradutor e como essa (falta de) percepção afeta o sentido?

1. Perspectiva teórica

1.1 O sentido construído na tradução sob uma perspectiva brasileira

Rosemary Arrojo é uma das teóricas da tradução mais conhecidas no Brasil por desconstruir a ideia de que traduzir é transferir ou substituir, premissa defendida ferozmente por teóricos europeus como Eugene Nida e J.C. Catford. Percebe-se, então, que, ao conceber a ideia de que o processo de tradução é um transporte de sentidos entre a língua A e a língua B, tem-se a ilusão do texto original ser marcado pela estabilidade de sentido, cujo conteúdo pode ser classificado completa e objetivamente. Essa perspectiva é defendida por muitos tradutores e tem três princípios básicos: a tradução deve reproduzir em sua totalidade a ideia do texto original; o estilo da tradução deve ser o mesmo do original; e a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original.

Arrojo contesta esse posicionamento ao analisar o texto de Borges *Pierre Menard, autor do Quixote*. O escritor argentino afirma que cada palavra tem um significado fixo e único, independentemente de qualquer contexto. Borges argumenta que Menard buscava a totalidade, a interpretação total, o controle total sobre o texto. Vê-se, portanto, que Catford, J.C. Nida e Menard possuem uma maneira semelhante de traduzir porque defendem uma teoria da linguagem que possibilita a delimitação do significado de uma palavra, ou mesmo de um texto, fora do contexto em que é lida ou ouvida. Arrojo critica esse posicionamento frente ao texto, pois traduzir é realizar uma leitura do texto fonte e após buscar o sentido na língua alvo. Com isso, anula-se a ideia de transparência e estabilidade, porque o próprio sentido do original não é fixo ou estável e depende do contexto em que ocorre.

Com essa breve reflexão, sabe-se que o tradutor não busca um produto final, pois está imerso em um processo de leitura, e a partir dele é capaz de construir sentidos para tornar-se, enfim, tradutor. A tradução envolve o domínio da língua alvo e da língua fonte assim como a aprendizagem de como se lê um texto. Aprender a ler é aprender a produzir sentidos, construídos a partir do sistema linguístico, que sejam aceitáveis para a comunidade cultural da qual participa o leitor. Tem-se, aí, a grande responsabilidade do tradutor perante o texto que traduz e perante o público para quem traduz, pois cada tradução exige do tradutor a capacidade de confrontar dois sistemas linguísticos e duas culturas distintas, e esse confronto, é sempre único, irrepetível, já que suas variáveis são imprevisíveis e seus sentidos diversos. Por isso, percebe-se a importância da TAL na tradução, pois essa teoria busca o sentido no uso da língua e vê no enunciado diversas vozes, que apresentam diferentes pontos de vista.

1.2 Construções de sentido na perspectiva da semântica linguística: polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria da Argumentação da Língua (TAL), de Oswald Ducrot, tem três momentos: em um primeiro momento, tem-se a Teoria Standard, em um segundo momento, a Teoria da Polifonia e a Teoria dos *Topoi* e em um terceiro momento a Teoria dos Blocos Semânticos. Essa metodologia consegue explicar como o sentido é construído na língua e como a língua argumenta. A polifonia está presente nessas três fases, por isso é fundamental explicá-la. Esse conceito surgiu primeiramente no livro *Les mots du discours* (1980), após no livro *Le dire et le dit* (1984), no capítulo *Esquisse d'une théorie polyphonique de l'énonciation*, em seguida no livro *Polifonía y Argumentación* (1990) e recentemente em um artigo sobre a polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos intitulado *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation* (2008). Percebe-se, portanto, que a polifonia é um dos conceitos fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua. No artigo *A pragmática e o estudo semântico da língua* (2005, p.17), Ducrot afirma que a teoria da polifonia substitui a análise semântica “horizontal”, típica da teoria do *modus* ou dos “atos de linguagem” por uma análise vertical em que o sentido de um enunciado é constituído pela superposição de vários discursos elementares. A partir daí, desmistifica-se a ideia de unicidade do sujeito falante e também a ideia de que cada enunciado possui um e somente um autor. O sentido, dessa forma, é construído a partir de indicações argumentativas que o enunciado apresenta na enunciação.

1.2.1 Polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos: a busca pelo sentido no sistema linguístico

O artigo *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation* (2008), de Oswald Ducrot e Marion Carel mostra claramente a fase atual da teoria semântico-argumentativa, ou seja, a polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos. Tem-se a distinção entre as atitudes do locutor frente aos enunciadores e o modo como o locutor assimila os enunciadores à determinada personagem do discurso. Sabe-se que é pelo enunciado que o locutor expõe os enunciadores (pontos de vista), assimila-os e toma três posições em relação a eles: o assumir, a concordância e a oposição. Ducrot e Carel (2008) defendem ainda a noção de instrução da significação, em que a frase coloca limites para a construção das assimilações e das atitudes em um enunciado.

Conforme os linguistas franceses, o locutor apresenta dois tipos de relação com os enunciadores, que são as origens dos pontos de vista. A primeira relação é a de

assimilação com um ser determinado quando se diz “eu me sinto cansado”, em que o indivíduo dá a si mesmo como origem do ponto de vista, segundo o qual se está cansado. A segunda relação, que já foi dita anteriormente, é o posicionamento do locutor no que diz respeito aos enunciadores, as atitudes diante deles: o assumir, a concordância e a negação. Ao assumir um enunciador, impõe-se o ponto de vista desse enunciador. No enunciado *Eu me sinto cansado* tem-se a ideia de que se está cansado e também se tem o objetivo de dar conhecimento ao interlocutor do cansaço que esse eu sente. Na concordância, o enunciador como fonte de um pressuposto, proíbe a contestação do ponto de vista desse enunciador. A oposição de um ponto de vista é a descrição de uma enunciação como proibindo, no discurso ulterior, o assumir ou a concordância a esse enunciador.

Para explicar a Teoria dos Blocos Semânticos, Ducrot (2008) nega que o significado é parte integrante do signo, pois ele não pode se basear nem em coisas nem em ideias. Dessa forma, o linguista francês enfatiza que o que ele considera em Saussure é o significado visto como “valor” do signo, em que o valor de uma entidade é um conjunto de relações entre entidades homogêneas, como um conjunto de relações entre signos. Para Ducrot e Carel (2008), as relações entre signos são chamados de “encadeamentos argumentativos” ou “argumentações”. Assim, argumentação é uma sequência de dois enunciados relacionados por um conector: um deles é o suporte e o outro, o aporte. Além disso, os encadeamentos são marcados por dois tipos de argumentações: as normativas (“João é gentil, portanto eu gosto dele”) e as transgressivas (“Pedro é gentil, no entanto não gosto dele”).

Outra questão importante para compreender essa teoria semântico-linguística é diferenciar as argumentações interna e externa. As argumentações externas dizem respeito aos encadeamentos aos quais a expressão é um segmento: se a expressão é aporte, tem-se a argumentação à esquerda (“João foi prevenido do perigo, portanto foi prudente”). Quando a expressão é suporte, têm-se argumentações externas à direita (“João foi prudente, portanto não teve acidente”).

As argumentações externas são pares, sendo um elemento normativo e o outro transgressivo, enquanto que as argumentações internas de uma expressão são encadeamentos equivalentes dessa expressão, paráfrases ou reformulações. Tomando o exemplo clássico “João foi prudente”, podem-se fazer encadeamentos em diferentes conjuntos, ou seja, aspectos, da palavra “prudente”. Dessa forma, os encadeamentos normativos da palavra “prudente” têm como suporte a indicação de um perigo e como

aporte a indicação de precauções e aspectos expressos, como *perigo DC desistir de fazer*. Há também o caso dos encadeamentos evocados, em que a argumentação interna de um enunciado é a mais exata paráfrase como “a situação não era sem perigo, então João tomou diversas precauções.” Com essas noções de argumentação interna, argumentação externa, aspecto evocado e aspecto expresso, pode-se reagrupar os encadeamentos de *perigo DC precauções* em oito blocos, sendo dois blocos de quatro aspectos cada um.

O bloco 1 diz respeito aos aspectos *A PT NEG B; A DC B; NEG A PT B* e *A DC NEG B*. Assim, esses quatro aspectos formam quatro ângulos de um “quadrado argumentativo”, composto pelas relações de “conversão”, “reciprocidade” e “transposição”.

No primeiro bloco, tem-se o suporte “perigo” visto como origem do aporte “desistir”. Esses quatro aspectos correspondem a quatro adjetivos: o aspecto 1 corresponde a “imprudente”, o aspecto 2 a “medroso”, o aspecto 3 a “não medroso” e o aspecto 4 a “prudente”. Percebe-se, então, que nesses encadeamentos, o suporte A, “perigo” é orientado para B (perigo que impede de agir) e que o B é fundamentado em A (desistência ligada ao perigo). Com esse suporte A e aporte B, define-se outros quatro aspectos: esse bloco 2 mostra uma interdependência inversa entre A e B, como viu-se anteriormente (*A PT B; NEG A PT B; NEG A DC B; A DC NEG B*). Com isso, o aspecto 8, ao descrever a palavra “audacioso”, o perigo é percebido como uma razão para agir, havendo um prolongamento do julgamento de perigo. Assim, há três possibilidades de relações entre os dois blocos: mudança de sentido, um dos blocos não tem sentido e um deles é doxal e o outro paradoxal.

2 Metodologia

Para mostrar a contribuição da teoria de Oswald Ducrot à reflexão da tradução, têm-se uma breve análise a partir de enunciados de várias obras de Oswald Ducrot: *Les mots du discours* (1980), especificamente o primeiro capítulo *Analyse de textes et linguistique de l'énonciation* e a tradução *Análise de textos e linguística da enunciação*, e os artigos *Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation* (1999) com a tradução *As propriedades lingüísticas do paradoxo: paradoxo e negação* e *Description argumentative et description polyphonique: le cas de la négation* (2008), com a tradução *Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação*. O texto do autor foi escolhido para verificar se os tradutores conseguem recuperar o sentido adequadamente e mostrar que é possível aplicar a polifonia pela TBS no próprio

estudo de Ducrot. Dessa forma, pergunta-se: O sentido construído foi compreendido pelo tradutor no momento em que era leitor e recuperado na língua alvo quando esse se torna um reescritor/tradutor? Aos poucos, através dos enunciados, essa questão será elucidada.

3 Análise

Para a realização da análise, mostram-se enunciados em língua francesa e sua respectiva tradução.

Enunciados 1 e 2

Autre avantage pour notre linguiste : il n'a pas eu à analyser des discours, réels ou imaginaires, mettant les phrases en oeuvre, les *énonçant* dans des conditions à chaque fois particulières. S'il a cru pouvoir se dispenser de ce recours au texte, c'est sans doute:

1. qu'il pense posséder, en tant que francophone, une compétence pour interpréter des énoncés de phrases françaises;
2. qu'il croit cette **compétence** fondée sur une connaissance antérieure de la signification de ces phrases ;
3. qu'il espère pouvoir évoquer directement cette connaissance, la rappeler à la conscience, sans avoir à étudier l'utilisation que lui-même ou d'autres en font dans l'interprétation d'énoncés, donc de discours.

Outra vantagem para nosso linguista: ele não teve de analisar discursos reais ou imaginários, colocando as frases em andamento, enunciando-as em condições cada vez particulares. Se ele acreditou poder se dispensar deste recurso do texto, é sem dúvida:

1. que ele pensa possuir, enquanto francófono, uma competência para interpretar enunciados de frases francesas;
2. que ele acredita nessa **confiança** fundada sobre um conhecimento anterior da significação das frases;
3. que ele espera poder evocar diretamente este conhecimento, lembrá-lo à consciência, sem ter de estudar a utilização que ele mesmo ou outros fazem dele na interpretação de enunciados, então, discursos.

No enunciado francês, Ducrot critica aqueles linguistas que acreditam que para chegar à significação de um enunciado é necessária a intuição e não o seu uso. Por isso, aqueles que pensam que, para compreender um enunciado, é necessária somente uma competência que desconsidera a significação das frases, só conseguirão compreender o sentido literal. Percebemos que a partir da argumentação interna de competência (aplicação DC capacidade), podemos criar um encadeamento do segmento original

contendo a ideia do enunciado: *alguém ser aplicado/ser capaz DC alguém ser capaz de interpretar frases na língua francesa; alguém ser aplicado/ser capaz DC alguém ser capaz de evocar um conhecimento anterior da significação das frases*. No entanto, notamos que na tradução a palavra *compétence*, ao ser traduzida por *confiança* no item 2 muda o sentido do enunciado devido a essa incompatibilidade lexical. E é a argumentação interna de *confiança* que permite essa percepção linguística: *segurança DC neg descrédito*. Temos na tradução os seguintes encadeamentos: *alguém ser aplicado/ser capaz DC alguém ser capaz de interpretar frases na língua francesa; alguém ser seguro DC alguém que acredita no conhecimento anterior da significação das frases*. Percebemos, assim que, tanto a AI de *competência* como de *confiança* levam a sentidos distintos. Notamos, porém, que o tradutor não usou o sentido literal, muitas vezes comum no que diz respeito à tradução. Pensamos, então, na possibilidade de uma interpretação em que, provavelmente, o tradutor não buscou no linguístico um recurso para melhor traduzir, mas em uma ideia que ele julgou ser a mais adequada. Para nós, a tradução que o linguístico permite é: ... *que ele acredita nessa competência fundada sobre um conhecimento anterior da significação das frases*.

Enunciados 3 e 4

Nous nous proposons maintenant d'expliquer un autre phénomène qui, comme le précédent, nous semble difficile à comprendre si on ne distingue pas, du point de vue de la négation, les enchaînements paradoxaux des enchaînements doxaux. Soit les deux discours:

- (a) Il y avait du danger donc Paul, qui est prudent, a **bien sûr** pris des précautions
- (b) Il y avait du danger donc Paul, qui est casse-cou, l'a **bien sûr** fait (p.35)

Nós nos propomos agora a explicar um outro fenômeno que, como o precedente, nos parece difícil de compreender se não se distinguem, do ponto de vista da negação, os encadeamentos paradoxais dos encadeamentos doxais. Sejam os dois discursos:

- (a) Havia perigo, então Paul, que é prudente, **com certeza**, tomou precauções.
- (b) Havia perigo; então Paul, que é destemido, **com certeza** o fez. (p.43)
- (c)

Nesse exemplo clássico da obra de Oswald Ducrot, temos primeiramente que verificar a argumentação interna ao enunciado: *Havia perigo DC Paulo tomou precauções* e é esse o sentido proposto em *Il y avait du danger donc Paul, qui est*

prudent, a bien sûr pris des précautions. Porém, na tradução percebemos novamente a diversidade de sentidos: *Havia perigo, então Paul, que é prudente, com certeza, tomou precauções.* Com esse enunciado, podemos elaborar dois encadeamentos: *Havia perigo DC Paul tomou precauções (A DC B)* e *Havia perigo PT Paul neg tomou precauções (A PT NEG B)*. Enquanto que o enunciado em francês mostra o cuidado de Paul diante do perigo, o enunciado em português possibilita duas leituras: uma em que Paul tem cuidado diante do perigo e outra que ele não tem cuidado diante do perigo. E isso só é possível devido à tradução indevida do conector *bien sûr*. Reorganizando esses enunciados, temos:

Sentido no texto original: *havia perigo DC Paulo tomou precauções (A DC B)*

Sentido no texto traduzido: *Havia perigo DC Paul tomou precauções (A DC B)* e *Havia perigo PT Paul neg tomou precauções (A PT NEG B)*. A partir daí, denotamos que o enunciado proposto por Ducrot corresponde ao bloco semântico 1 (*A DC B*) e esse tem um sentido específico como visto anteriormente. A tradução também fornece o sentido do enunciado em relação ao bloco 1, mas evidencia um aspecto converso (*A PT NEG B*) não existente no original e isso, novamente, não pode acontecer. Se o enunciado do autor não apresenta uma diversidade de sentidos, o texto da tradução não pode fazê-lo. Para nós, uma tradução adequada e que remeteria ao sentido do original seria: *Havia perigo, então Paul, que é prudente, é claro, tomou precauções.* Temos aí uma evidência e não algo duvidoso como supunha o tradutor.

Enunciados 5 e 6

...Ainsi, dans la notation la puls habituelle du Calcul propositionnel, on trouve toujours , immédiatement à droite d'un connecteur comme *et*, une et une seule **suite** de symboles qui constitue une proposition, et de même à gauche : ce sont ces deux **suites**, mécaniquement **repérables**, qui sont conjointes par le *et*. (p.15)

... Assim, na notação mais habitual do Cálculo proposicional, sempre se encontra, imediatamente à direita de um conector como *e*, uma e uma única **continuação** de símbolos que constitui a proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas **continuações**, mecanicamente **orientáveis**, que são colocadas juntas pelo *e*. (p.9)

Notamos, nesses exemplos, dois problemas que dizem respeito à tradução: *suite*, traduzido como *continuação* e *repérables* traduzido como *orientáveis*. No original, Ducrot (1980) usa a palavra *suite* para referir-se ao enunciado formado por dois segmentos. Por isso, nessa teoria, não é possível afirmar que um enunciado é construído por duas continuações unidas pelo conector *e*. Parece-nos que essas continuações são

independentes, capazes de construir sentido, como visto pela argumentação interna: *continuação DC coisas ininterruptas, sem conexão*. Para nós, uma tradução mais adequada seria *sequência*, em que a sua argumentação interna seria: *sequência DC dois segmentos unido pelo conector e*. Se recorrermos ao dicionário veremos que tanto *sequência* como *continuação* possuem definições semelhantes. No Dicionário Aurélio (2008) verificamos que *sequência* é 1. ato ou efeito de seguir; 2. aquilo que vem em seguida; continuação de algo iniciado anteriormente. 3. conjunto de coisas, ações ou fatos que se sucedem sem interrupção, um após outro no espaço ou no tempo; sucessão série e *continuação* é 1. prosseguir ou prolongar sem interrupção. 2. dar seguimento a. 3. seguir-se a. Vendo essas duas palavras no contexto do dicionário, ou seja, descontextualizadas, não levando em consideração o sentido no uso, poderíamos até afirmar que elas são sinônimos. No entanto, estamos trabalhando com uma semântica argumentativa que considera a língua em uso e o sentido construído nela. Dessa forma, temos *uma e uma única sequência de símbolos que constitui a proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas sequências (...) que são colocadas juntas pelo e*.

Para analisarmos a tradução de *repérables (orientáveis)*, acreditamos que é necessário usar a argumentação interna: *não saber a direção, o rumo de algo DC indicar/ guiar/ mostrar a direção, o rumo (Neg A DC B)*. Todavia, notamos no original em francês que não é essa ideia proposta por Ducrot (1980). Ele afirma que duas sequências, quando relacionadas pelo conector *e*, são capazes de formar sentido. Essas sequências não precisam ser orientadas, como propõe o tradutor, elas precisam ser *resgatadas* para que o conector as relacione e forme o sentido dentro do linguístico. Ao propormos a tradução de *repérables* como *resgatáveis*, temos a seguinte argumentação interna: *não obter relação DC retomar/ recuperar essa relação (Neg A DC B)*. Percebemos que as duas argumentações internas remetem a um mesmo encadeamento do bloco semântico 2 (*Neg A DC B*), mas isso não significa que elas possuem o mesmo sentido. Referindo-se ao enunciado, temos: ... *Assim, na notação mais habitual do Cálculo proposicional, sempre se encontra, imediatamente à direita de um conector como e, uma e uma única sequência de símbolos que constitui a proposição e o mesmo à esquerda: são estas duas sequências, mecanicamente resgatáveis, que são colocadas juntas pelo e*. Paraphraseando, temos o seguinte sentido: duas sequências ao serem relacionadas pelo conector *e* recuperam o sentido do enunciado; isoladas, elas são somente um sentido literal, pré-existente ao uso.

4 Resultados e perspectivas

Neste artigo, procurou-se buscar alguns conceitos da Teoria da Argumentação na Língua a fim de ajudar o tradutor a trabalhar com seus textos. Viu-se que a argumentação interna e a argumentação externa assim como a Polifonia pela Teoria dos Blocos Semânticos, conjuntamente com os aspectos recíprocos, conversos e transpostos são essenciais para a construção de sentido.

Acredita-se que a tradução pensada sob uma perspectiva semântica argumentativa colabora com o tradutor, pois ao ler e reconstruir um enunciado, ele é capaz de recuperar o sentido no linguístico, não modificando, dessa forma, a proposta escrita pelo autor. Percebe-se, então, que esse escultor da língua não precisa recorrer à literalidade para revelar uma entidade linguística desconhecida, pois ele possui a língua em uso para guiá-lo.

5 Referências

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa. Una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos*: Edição literaria a cargo de Maria Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

_____. *Les propriétés linguistiques du paradoxe: paradoxe et négation*. In : *Langue Française. Sémantique du stéréotype*. Larousse:Septembre 1999.

_____. *As propriedades lingüísticas do paradoxo: paradoxo e negação*. In: *Línguas e Instrumentos lingüísticos*. Tradução: Sheila Elias de Oliveira. Pontes: Julho/dezembro 2001. n° 8.

DUCROT, Oswald. *Le dire et le dit*. Paris: Les éditions de Minut, 1984.

_____. *Les mots du discours*. Minuit: Paris, 1980.

_____. *Les mots du discours*. Minuit: Paris, 1980. Tradução: Ernani César de Freitas. *Capítulo I: Análise de textos e linguística da enunciação*.

